

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16566 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

A interculturalidade como exercício ético-político da docência a partir da presença de estudantes imigrantes no contexto da RME-Canoas

Carolina Araujo da Rosa - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A INTERCULTURALIDADE COMO EXERCÍCIO ÉTICO-POLÍTICO DA DOCÊNCIA A PARTIR DA PRESENÇA DE ESTUDANTES IMIGRANTES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE CANOAS-RS

Palavras-chaves: Interculturalidade. Círculos de cultura. Formação dialógica. Extensão.

INTRODUÇÃO

Dada a crescente presença de estudantes de diferentes países na Rede Municipal de ensino de Canoas, é essencial que as práticas pedagógicas não se limitem à simples inclusão, mas também reconheçam e integrem as identidades culturais desses alunos como parte vital da construção coletiva no ambiente escolar. Dessa forma, o principal objetivo desta pesquisa é investigar como a presença de estudantes estrangeiros oriundos de países latino-americanos impacta o ambiente escolar e contribui para a construção de um projeto de educação intercultural. Nesse contexto, a interculturalidade emerge como uma abordagem ética e política fundamental, promovendo diálogos entre diferentes saberes no espaço escolar e ampliando as possibilidades de enriquecimento cultural mútuo.

METODOLOGIA

Como opção metodológica, foi concebido um espaço de formação dialógica através do Projeto de extensão ‘Círculos de Cultura e Círculos Dialógicos: Processos de auto (trans)formação docente’ voltado para professoras da educação básica de Canoas. Guiado pelos princípios dos círculos de cultura de Paulo Freire e dos círculos dialógicos-investigativos-formativos propostos por Henz (2018), os caminhos formativos foram desenhados a fim de atender às demandas identificadas pelas docentes. Através de uma abordagem centrada no diálogo problematizador e na escuta sensível ao outro, os encontros promovidos pelo projeto de extensão representam não apenas processos de pesquisa, mas também de formação continuada. Estes são concebidos como espaços-tempo de auto(trans)formação, onde o diálogo cooperativo e comprometido entre os participantes possibilita a ação-reflexão-ação e fomentam a dialogicidade. No âmago dos Círculos de Cultura e Dialógicos, as dinâmicas adotadas visam ir além das abordagens tradicionais de pesquisa, abraçando uma perspectiva dialógica que busca reconstruir o mundo através da criação de novas possibilidades para além das palavras. Reconstrução essa que permitiu ver

que as narrativas das professoras revelam a influência da coletividade na construção de suas identidades culturais e sociais, reforçando a importância do diálogo coletivo e da escuta sensível para a transformação.

ANÁLISES

A seguir, serão descritos dois encontros e analisados em um formato que integra a teoria e a prática, reconhecendo a importância de ambas na pesquisa acadêmica e na educação.

No primeiro círculo, decidimos abrir nosso encontro com uma dinâmica de apresentações. Começamos então com o convite para as apresentações, baseando-se em três questões: “como me constituí culturalmente?”, “que identidades culturais me compõe como pessoa?” e “que território(s) habito e o que carrego dele(s)?”.

Trouxemos essas três perguntas como exemplo de nossa abordagem, pois são questões que nos convidam a refletir sobre os temas centrais da pesquisa ao mesmo tempo em que nos colocam no movimento de pensar e construir coletivamente o espaço.

Ao refletirmos de forma crítica sobre o conceito de cultura, destacamos seu caráter dinâmico e coletivo. No âmbito desta pesquisa, entendemos cultura como a maneira pela qual atribuímos significado ao mundo e a nós mesmos. Esta definição enfatiza a natureza relacional da cultura, sublinhando que ela é construída e negociada em interações com outros sujeitos e grupos:

Diante de tantas possibilidades de entender a cultura optamos pela compreensão de que cultura é a forma como significamos o mundo e a nós mesmos. Este processo, no entanto, não é solitário, é coletivo, feito de encontros e desencontros com o outro. Ao produzirmos significados, vamos também sendo produzidos (Menezes, 2011 P. 326).

Ressaltamos, então, a ideia de que o processo de significação cultural não é individual, mas sim coletivo, marcado por encontros e desencontros com o outro. Isso indica que a cultura é moldada por interações e trocas entre diferentes grupos culturais, o que pode resultar em uma constante redefinição e reconstrução de significados. Diante disso, é essencial reconhecer a importância da interculturalidade, enfatizando a necessidade de compreender como diferentes modos de significação e sentidos se interconectam.

A partir da escuta atenta e sensível das apresentações, que foram provocadas pelas perguntas propostas, pudemos perceber, através das narrativas pessoais, como cada um se constitui como sujeito em relação à vida, à cultura e à formação como docente. As vivências, experiências e a navegação pelos espaços permeiam as construções sociais, culturais e subjetivas que moldam os caminhos e práticas dos docentes. Nesse sentido, compreendemos que as identidades sociais são formadas pela história dos sujeitos, e ao mesmo tempo, são construtoras de seu futuro.

Através dos relatos das docentes percebemos os caminhos que percorreram para

estarem presentes no espaço proposto no dia do encontro, e como esses caminhos estavam relacionados às construções culturais e sociais que elas estavam compartilhando. Muitas das docentes também afirmaram que o interesse pela educação surgiu de suas próprias experiências educacionais:

A construção da identidade profissional docente diz respeito ao seu percurso biográfico e à socialização no ambiente profissional. O processo de construção dessa identidade surge no confronto entre a formação acadêmica e a experiência. Assim, a formação evolui de acordo com duas dimensões: uma individual, centrada na natureza do sujeito, elaborada tanto consciente quanto inconscientemente, e a outra coletiva, construída a partir das interações no contexto escolar e na relação com seus pares.

Na profissão docente, onde o ambiente de formação também consiste na própria prática e na coletividade desse espaço – a escola –, os sujeitos que atuam nesse contexto desempenham um papel fundamental na construção e na integração da identidade profissional e pessoal uns dos outros.

No Círculo 2, começamos distribuindo uma partitura musical para cada professora presente. Em seguida, perguntamos se seria viável que realizassem a leitura daquela partitura para o grupo.

Destacou-se a importância de tentarmos fazer essa tradução musical, para a qual havia alguns instrumentos dispostos sobre uma mesa. As professoras, timidamente, se reuniram em torno da mesa com os instrumentos, tentando ler a partitura inicialmente de forma individual e, aos poucos, coletivamente.

Os corpos presentes naquele espaço pareciam estar profundamente engajados na dinâmica, entregues e atentos, compartilhando aquela experiência coletiva. Isso ressalta a importância das relações que possibilitam a construção do coletivo, que nem sempre é resolutivo ou agradável, assim como os sons que eram escutados, analisados, mediados e modulados. Os desafios impostos pelo coletivo são também desafios do diálogo: precisam ser escutados, analisados, reconhecidos, mediados e modulados.

Portanto, percebe-se que mais importante do que o resultado desse diálogo é a escuta atenta e respeitosa das diversas vozes que compõem esse coletivo. O objetivo é circular, é a escuta, é o processo de construção.

A dinâmica proposta tinha como objetivo deslocar os professores de seu papel tradicional como detentores do conhecimento, colocando-os numa posição de desconhecimento. A partir dessa experiência, buscou-se promover a reflexão sobre as possibilidades de explorar outras linguagens quando confrontados com o desconhecido. Assim, perceberam-se em um lugar diferente, compreenderam que a partir desse estado de não saber é possível a construção coletiva de novos conhecimentos através de outras linguagens. Ao entenderem-se como parte de um coletivo e ao reconhecerem-se para além

dele em suas práticas com outros grupos, passaram a enxergar novas possibilidades de escuta, de linguagens e de perspectivas.

É possível construir pontes eficazes como mediadores quando estamos dispostos e abertos. É fundamental entender que, no processo de aprendizagem, o ato de aprender muitas vezes antecede o de ensinar. Portanto,

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, p.12-13).

A dinâmica também permitiu que o grupo se colocasse no lugar dos estudantes, refletindo sobre as linguagens utilizadas em suas práticas de ensino e garantindo a compreensão de todos os envolvidos. Foi ressaltada a importância de compreender o contexto dos estudantes para construir uma ponte eficaz que facilite o acesso ao conhecimento proposto.

Ainda que seja difícil lidar com os desafios e as complexidades do diálogo intercultural em contextos de diversidade, este se apresenta como uma experiência enriquecedora, não apenas para buscar e gerar consensos, mas também para ampliar e explorar novos horizontes de compreensão e revisão de referências.

Considerando essas reflexões, seria importante reavaliar as práticas, políticas educacionais e os currículos escolares com o objetivo de garantir a valorização, inclusão e acolhimento das diversas culturas no ambiente escolar. Esse enfoque não apenas ampliaria as oportunidades de aprendizagem dos alunos, mas também promoveria uma educação mais democrática e sensível às múltiplas realidades culturais presentes em nossa sociedade, contribuindo assim para a democratização do acesso às políticas públicas educacionais.

Adotar uma perspectiva intercultural nos conduz a compreender e respeitar a diversidade cultural, orientando-nos na construção de um mundo mais justo e democrático ao valorizar as diferentes culturas. Essa abordagem não apenas nos possibilita reconhecer, mas também combater as desigualdades sociais e políticas que afetam diversos grupos sociais.

Neste encontro, as professoras compartilharam experiências de grande riqueza. Evidenciaram-se as pontes de conexão e as diversas formas de abertura, que às vezes se manifestam em simples gestos. Estar presentes e engajadas em nossas práticas levanta a questão do que verdadeiramente significa estar presente.

CONSIDERAÇÕES

Diante das experiências compartilhadas pelas professoras, fica evidente a complexidade e os desafios enfrentados na construção de um ambiente escolar crítico que reconheça e valorize a diversidade cultural. Os relatos nos encontros não apenas ilustram as dificuldades cotidianas das educadoras, mas também destacam a necessidade de promover uma educação que valorize outras epistemologias culturais. O enfrentamento desses desafios exige uma constante reflexão crítica sobre as estruturas de poder e dominação presentes na sociedade.

É necessário que diferentes culturas dialoguem entre si para haver uma compreensão mútua e um entendimento positivo da diversidade cultural. A interculturalidade, como corrente de pensamento, valoriza a diversidade cultural e reconhece a existência de múltiplas formas de conhecimento e sabedoria. Compreender a interculturalidade não é apenas adotar uma posição teórica ou promover um diálogo entre culturas, mas sim uma disposição para construir referências que não se limitem à cultura hegemônica, mas dialoguem com outras.

No contexto das nossas salas de aula, quando pensamos em culturas em diálogo, as professoras observaram que surgem desafios significativos de compreensão, especialmente quando há estudantes estrangeiros que chegam com uma língua diferente. Nesse sentido, reconhecer que esses espaços oferecem diversas oportunidades para a construção de conhecimento é fundamental para repensarmos nossas práticas educacionais.

A experiência dos círculos dialógicos descritos aqui, proporcionaram um ambiente de formação contínua e dialógica. Além disso, este estudo ressaltou a interculturalidade como uma ferramenta essencial para o acolhimento efetivo de crianças imigrantes no contexto escolar. O projeto de extensão "Círculos de Cultura e Círculos Dialógicos: Processos de Auto (Trans) Formação com Docentes", contribuiu significativamente para a reflexão sobre propostas de formação permanente, dialógica e reflexiva na área educacional.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HENZ, Celso Ilgo; FREITAS, Larissa Martins; SILVEIRA, Melissa Noal da. Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 835-850, jul. 2018.

MENEZES, M. M. de. (2011). Nos interstícios da cultura: as contribuições da filosofia intercultural. *Educação*, 34(3).